

UIRADA COMUNICAÇÃO: COMO COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO DAS PERIFERIAS ESTÃO CONSTRUINDO UMA NOVA FORMA DE SE COMUNICAR

Larissa Gould de Assis¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo estudar como coletivos de comunicação das periferias estão, juntos e em rede, construindo uma nova forma de se comunicar. Para isso, a autora utilizou como estudo de caso a Virada Comunicação, realizada em setembro de 2017 no Grajaú, zona sul da capital paulista, pela Rede Jornalistas das Periferias, articulação que reúne 13 coletivos de todas as regiões de São Paulo. O evento contou com mais de 400 participantes, entre comunicadores, estudantes e pesquisadores.

Palavras-chave: *Jornalismo Periférico; Comunicação Popular; Coletivos; Periferias.*

INTRODUÇÃO

As periferias e sua produção cultural são historicamente marginalizadas. Isso, no entanto, não intimida os agentes culturais destas localidades. Muito pelo contrário.

A exclusão desta cultura periférica do circuito tradicional fez com que movimentos culturais das quebradas das grandes cidades criassem uma agenda própria de saraus, festivais e eventos.

Esses mesmos agentes periféricos passaram a encontrar um novo desafio: a comunicação. Cansados de serem retratados unicamente nas páginas policiais, coletivos da comunicação efervescem nas margens das cidades. Seja para divulgar as atividades culturais, seja para denunciar violações de direitos humanos.

Experiências como ‘Mural - Agência de Jornalismo das Periferias’, ‘Nós, mulheres da periferia’ e a ‘Rede de Jornalistas das Periferias’ vêm conseguindo realizar com êxito

¹ Graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo na Fapcom. cursando pós-graduação Lato Sensu em Mídia, Informação e Cultura no CELACC - ECA/USP. larissagould@usp.br

esta comunicação popular e periférica, que anda em conjunto, por vezes até se confundindo com os movimentos culturais destas localidades.

Visando aumentar esta rede, foi realizado em 16 de setembro, a primeira Virada Comunicação, no Centro Cultural Grajaú, zona sul da cidade. O evento, organizado pela Rede de Jornalistas das Periferias, articulação que reúne 13 coletivos de todas as regiões de São Paulo, reuniu mais 400 participantes, entre coletivos, comunicadores, estudantes e pesquisadores.

O presente artigo tem como objeto de estudo esta experiência de comunicação, a Virada Comunicação, e como os diversos coletivos se articularam para a realização da mesma.

A REDE JORNALISTAS DAS PERIFERIAS

Lançada no encerramento da Feira Literária da Zona Sul (FELIZS) de 2016, no dia 24 de setembro, a Rede Jornalistas das Periferias é, de acordo com o coletivo Periferia em Movimento:

Uma iniciativa de jornalistas moradores de bairros periféricos da cidade de São Paulo, que atuam em diferentes frentes e áreas de atuação profissional, e de coletivos e movimentos de comunicação periféricos organizados que têm o objetivo de promover e disseminar a informação produzida pelas periferias e para as periferias (COLETIVO PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2016).

A Rede foi instituída com 10 coletivos, atualmente é composta por 13 iniciativas espalhadas por todas as regiões da capital paulista: Alma Preta, Capão News, Casa no Meio do Mundo, Desenrola E Não Me Enrola, DiCampana Foto Coletivo, DoLadoDeCá, Historiorama, Imargem, Mural - Agência de Jornalismo das Periferias, Nós, mulheres da periferia, Periferia em Movimento, Periferia Invisível e TV Grajaú. Juntos detêm mais de 200 mil seguidores nas redes sociais e alcançam 1 milhão de internautas por mês².

A rede surgiu fruto de encontros entre coletivos de comunicação e cultura desde 2013 nas diversas regiões de São Paulo.

Destas conversas sentimos que tinha que ter uma coisa maior. Outras pessoas estavam também fazendo as mesmas coisas, cada uma do seu modo, mas a linguagem era a mesma: focada na questão do território. A questão do território.

² Disponível em <http://bit.ly/2i3wH1T>

Você fazer o jornalismo do local. E dali falar o que está acontecendo com você. Falar o que está acontecendo com os seus. Com quem está do seu lado. Foi assim que sentimos a necessidade de abraçar as pessoas e virar a Rede (Depoimento de Thalita Monte Santo, setembro de 2017).

Mais que o encontro e os debates, a rede surgiu como uma forma de fortalecer os coletivos e aumentar a visibilidade da periferia, como explica Thalita Montesanto, do Mural – Agência de Jornalismo das Periferias: “um trabalho principalmente no sentido de compartilhar, fortalecer e levar adiante o que os outros estão fazendo. Fortalecer o trabalho do outro. Para que a visibilidade seja maior, para que mais pessoas sejam atingidas”.

VIADA COMUNICAÇÃO

Um ano após sua concepção, a rede se reuniu em sua primeira grande atividade. A Virada Comunicação, um encontro voltado a estudantes e profissionais da comunicação, ativistas e movimentos sociais, moradoras e moradores das periferias da cidade.

Inicialmente a ideia era que fosse uma formação interna para os membros, mas o que era para ser um encontro cresceu. O evento contou com mais de 10 horas de atividades entre oficinas de educomunicação, intervenções culturais e mesas de debate.

A gente sentia a necessidade de que outras pessoas conhecessem o jornalismo periférico o jornalismo, que a gente faz. Então ela nasceu com essa ideia de formação. E ao longo do caminho a gente foi percebendo que o ideal era que a gente abrisse para outras pessoas participarem. Jornalistas que estão na mídia tradicional, que sabem escrever a notícia, mas não sabem usar a linguagem da cobertura da periferia; encontros e oficinas para o próprio pessoal das periferias mesmo. Queríamos que fosse aberto, para várias outras pessoas. (Depoimento de Thalita Monte Santo, setembro de 2017).

Foram 34 convidadas e convidados, quase 500 inscritas e inscritos, e mais de 400 participantes. A procura foi tamanha, que as vagas para as oficinas não deram conta. Estudantes de comunicação das periferias tiveram prioridade para participar das oficinas de foto, vídeo, transmissão ao vivo, áudio e cartografia. Os debates, todos com sala cheia, trataram do Genocídio e da Segurança Pública; Educação e Cultura, Moradia e Meio Ambiente; Indígenas, negros e imigrantes; Transporte e Desenvolvimento Local; Questões de gênero e sexualidade - Influência no feminino, no masculino e na população LGBT; e Educomunicação e Direito à Comunicação.

Além dos debates e oficinas, o encontro promoveu coletivos de cultura, gastronomia e economia solidária da região. Exposições, shows e refeições tiveram destaque na Virada, tudo pago com a moeda do encontro, as “marginais”.

A nossa alimentação foi feita por coletivos parceiros e pelos próprios comerciantes locais, pra ajudar a fazer essa circulação desta economia local. Os coletivos que trabalham a questão da economia solidária ajudaram nesta questão. Pra tudo isso acontecer foi uma organização nossa mesmo, da rede e em rede. (Depoimento de Thalita Monte Santo, setembro de 2017)

A Virada teve como objetivo debater, refletir e apontar caminhos para a abordagem de temáticas sobre e a partir das identidades e territórios periféricos. De acordo com a Rede Jornalistas das Periferias, a virada de faz necessária pois:

As periferias são complexas. E cada sujeito periférico é um centro em si mesmo. A Rede Jornalistas das Periferias, ou outras redes que existem ou virão a existir, não dá conta de toda a complexidade que habita nas bordas da metrópole. Mas, enquanto movimento, acreditamos na potência e importância de que essas vozes sejam protagonistas também no conteúdo jornalístico sobre essas regiões da cidade, constituídas historicamente em condições sociais de desigualdade de raça, classe e gênero que se reproduzem, inclusive, no ambiente profissional da comunicação.

A Rede Jornalistas das Periferias reúne comunicadoras, comunicadores e coletivos que atuam a partir das bordas da Grande São Paulo em diferentes frentes e áreas do campo da comunicação com objetivo de promover e disseminar a informação produzida pelas e para as quebradas (REDE JORNALISTAS DAS PERIFERIAS, 2016).

O evento foi realizado com o apoio das instituições Ford Foundation, Fundação Tide Setubal e Instituto Alana. De acordo com Thalita Monte Santo, a organização do encontro teve início mais de 6 meses antes de seu acontecimento. Definida a ideia, uma comissão elaborou o projeto e o apresentou a diversas fundações e institutos em busca de parcerias e patrocínios.

E toda a sua concepção foi coletiva como lembra Gisele Britto: “400 cadeiras não chegam aqui sozinhas. Toda coisa que não vem da natureza é feita por trabalho humano, e a gente se comprometeu em trazer esse retorno pra onde a gente veio”.

A COMUNICAÇÃO PERIFÉRICA

O termo comunicação periférica vem sendo mais recentemente usado por esses coletivos de comunicação das periferias. Para eles, o que os diferencia da comunicação alternativa e independente é a questão territorial:

Existe diferença entre mídia independente e a mídia periférica. A narrativa é outra. Ou seja, a gente o tempo todo está contando a história daqui, a partir deste território a partir desta memória, a partir destas histórias, a partir destas

demandas. Tem muita mídia independente, por exemplo. A gente também é mídia independente. Mas é esse recorte que a gente está chamando à atenção. A gente bate muito nesta tecla, é pautada pelo território, se estabelece a partir do território. Somente quando é pautado pelo território, ou seja, a partir do local onde a gente mora, que a gente pode dizer, por exemplo, quais são os termos que nos incomodam quando a mídia tradicional vai falar sobre o meu território (Depoimento de Tony Marlon, setembro de 2017).

É importante contextualizar o surgimento da comunicação comunitária e entender as semelhanças e diferenças das comunicações comunitária, popular e alternativa.

Assim como coloca Regina Festa (1986), no artigo “Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa”, no livro “Comunicação popular e alternativa no Brasil”, a comunicação popular, geralmente, é aquela que se originou em movimentos de base (como a das comunidades eclesiais de base – CEBs – ou sindicatos). Já a comunicação alternativa é uma formulada pela sociedade civil da classe média. De acordo com Festa (1986), a comunicação popular e alternativa no Brasil é registrada em três diferentes períodos, sendo o primeiro deles de 1968 a 1975 (período entre o AI-5 até a abertura política); o segundo se dá de 1978 a 1982, quando acontece as eleições nacionais e um abrandamento de restrições. Nesse segundo momento, a comunicação popular se torna mais evidente do que a alternativa. O terceiro período engloba a atomização tanto da comunicação popular quanto da alternativa (MOREIRA, ASSIS, 2013, p.58).

Para estes coletivos, como explica Gisele Britto, da Rede de Jornalistas das Periferias “a periferia está no centro da pauta”. A questão territorial irá portanto, ser determinante para esses grupos que atuam a partir dos territórios periféricos e pensando os territórios periféricos; e devem seguir esta lógica “Não basta ser da periferia, não basta escrever sobre a periferia, tem que pensar o território. Por que ele é transversal sobre todos os temas: raça, classe, gênero e território”, explica a jornalista.

As periferias ficam então não somente à margem geograficamente dos centros. Ficam à margem na questão orçamentária, às margens das políticas públicas e não é diferente com a comunicação. Exemplo disso, em São Paulo, foi o congelamento de 43,5% da verba municipal da cultura ³feito pelo prefeito João Doria, que afetou, por exemplo o repasse de verbas aos editais do programa VAI – Valorização de Iniciativas Culturais e do programa de Fomento às Periferias, programas que tem sido fundamentais para a sustentabilidade de coletivos culturais e de comunicação destes territórios.

Esse congelamento, inclusive, foi alvo de mobilização da Rede de Jornalistas das Periferias. Em janeiro de 2017, após Gustavo Soares, membro da rede ter sido ameaçado

³ Disponível em <https://glo.bo/2iwpi8j>

pelo secretário de cultura André Sturm⁴, diversos movimentos de cultura ocuparam a sede da Secretária Municipal de Cultura. A Rede Jornalistas das Periferias teve um papel fundamental nesta cobertura.

Um fato em que eu mais pude ver a força da rede foi na época da ocupação da Secretária de Cultura. Eu senti tanta força nessa rede, tanta força. Não que eu já não tivesse sentido antes, mas foi ali que a gente sentiu na pele que todo mundo estava ali, se ajudando, se articulando como rede. Se posicionando, até por que foi um membro da rede que foi agredido verbalmente. Então, são nesses momentos que a gente percebe a força. Cada pessoa, de cada coletivo, estava ali presente fazendo a sua cobertura, depois a gente fez uma cobertura geral. Estivemos lá do início ao fim e esse foi o fato mais marcante pra mim. E como a união de todos esses coletivos fez com que a cobertura fosse muito maior e chegasse a muito mais pessoas. Muita gente aqui da quebrada só ficou sabendo de tudo o que estava acontecendo quando a rede começou a se articular. Tinham outras mídias independentes também, mas eu senti muita força na Rede (Depoimento de Thalita Monte Santo, setembro de 2017).

No campo da comunicação, a teoria da Espiral do silêncio vai exemplificar esse processo que a jornalista Gisele Britto levanta. Ele evidencia o poder que fontes privilegiadas têm na construção das notícias.

Os meios de comunicação tendem a priorizar as opiniões dominantes, ou melhor, as opiniões que parecem dominantes, consolidando-as e ajudando a calar minorias (na verdade, maiorias) isoladas. Nesse ponto, a teoria da espiral do silêncio aproxima-se da teoria dos definidores primários, pois ambas defendem que a tal prioridade é causada pela facilidade de acesso de uma minoria privilegiada (as fontes institucionais) veículos de informação. Assim, opiniões que parecem consensuais se perpetuam, pois a maioria silenciosa não se expressa e não é ouvida pela mídia, o que leva à conclusão de que o conceito de opinião pública está distorcido (PENA, 2008, p. 156).

Para contrapor esta lógica, coletivos, movimentos e organizações se reúnem para construir uma comunicação popular contra hegemônica e reivindicarem seu espaço social e político. Para Joana Puntel, tendo como base os conceitos de R. White, a comunicação popular vai além das mídias que ela utiliza:

A comunicação popular, em sua gênese, não é um tipo qualquer de mídia, como mídia grupal, rádio local ou material impresso. Não é também uma instrução religiosa ou o desempenho comunitário de especialistas em agricultura falando a camponeses em linguagem singela. Ela surgiu de um movimento em nível mais profundo: grupos de camponeses ou de trabalhadores discutindo entre si ou com outros grupos similares (PUNTEL, 1994, p. 133).

⁴ Disponível em <https://glo.bo/2zlqXHW>

O jornalismo comunitário, mais recente, está inserido neste contexto, e assim como a comunicação comunitária está intimamente ligada ao seu caráter social. Está comunicação irá ligar os indivíduos deste território e seus anseios, transformando-os em um canal de expressão de uma comunidade.

Para nós as periferias estão no centro, para os outros veículos as periferias são realmente periféricas, periféricas na ideia, no imaginário do que é cobertura [...] É Rede de Jornalistas das Periferias por que a gente entende que as periferias tem histórias diferentes, trajetórias diferentes, mas tem uma coisa, que unifica que é a própria história precária de exclusão, mas que se refaz, constrói e resiste: é único e é diverso (Depoimento de Gisele Britto, setembro de 2017).

Para Felipe Pena esse gênero de comunicação é “uma das formas mais factíveis de democratizar o acesso à informação”, atendendo às demandas da cidadania e servindo como importante instrumento de mobilização social.

A comunicação popular tem seu nascimento atrelado às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e tem como expoente principal, de 1960 a 1964, os movimentos de cultura popular e também o movimento de educação de base, que utilizavam o método Paulo Freire.

Dennis de Oliveira, em *Jornalismo e Emancipação*, também defenderá as práticas deste método como alternativa para a comunicação.

É nesse contexto que as teorias de Paulo Freire e de dois intelectuais próximos as suas ideias, Martin Baro e Oscar Jara, apresentam uma perspectiva alternativa para o jornalismo nos dias de hoje: um jornalismo como ação cultural para emancipação. Emancipação no sentido freiriano de projeto coletivo (OLIVEIRA, p. 207, 2017).

De acordo com Julia Dietrich (2011), em seu artigo escrito para o livro “Comunicação Comunitária” (2011), a comunicação comunitária assumi características do grupo que a forma. As pautas que norteiam a comunicação comunitária estão sempre associadas aos significados do território – geográfico ou não - os quais estão ligados a sentimentos, memórias e imagens construídos ao longo do tempo, por meio dos relacionamentos de quem ali vive.

São essas relações afetivas com o território e com o coletivo que pautam todo o processo de criação e gestão de um equipamento comunitário. Somente quando se sentem pertencentes e partes do coletivo é que os agentes se tornam mobilizadores envolvidos em uma proposta de comunicação comunitária (DIETRICH, 2011, p. 28).

Assim, o Jornalismo Periférico surge como mais uma forma de expressão da comunicação comunitária, a partir de um território específico: a periferia. A autora também levanta como uma das características mais importantes da comunicação comunitária o fato do sujeito deixar de ser passivo em relação à comunicação e passar a ser também agente de informação:

Tendo o equipamento comunitário como seu instrumento de transformação social, o indivíduo se torna leitor, ouvinte, consumidor crítico e, conforme reconhece e investiga seu território em busca de informações hiperlocais, também se converte em proponente de ações e de mudanças (DIETRICH, 2011, p. 31).

O território não é unicamente geográfico, mas também simbólico, como explica Peruzzo a partir de conceitos de Marcos Palácios, o território é caracterizado por:

a) sentimento de pertencimento; b) sentimento de comunidade; c) permanência (em contraposição a efemeridade); d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação entre seus membros por meio de veículos específicos (PERUZZO, 2009, p. 143).

Por unir as pessoas em seu meio de convívio, a comunicação acaba por ser uma ferramenta para os indivíduos reivindicarem seus direitos como cidadãos e, assim, emanciparem-se. Ou seja, fazer com que haja uma participação democrática efetiva. Além de construir uma visão crítica e se reconhecer como parte de um grupo.

Desta forma, a rede de Jornalistas das Periferias, assim como os coletivos que a compõem, adaptam a comunicação e a comunicação comunitária ao seu tempo e território, dando a estas uma nova forma: única e diversa como lembrou a jornalista Gisele Britto. Uma nova forma de se comunicar que levará em conta as demandas da localidade, utilizando ferramentas tecnológicas e tendo como base para sua ampliação e disseminação a articulação em redes, físicas e virtuais, entre comunicadores e agentes culturais. Estas redes passam a interferir nos territórios, seja por eventos que fomentam a cultura e a economia local, seja se tornando referência de formação ou ainda como agentes políticos.

Este novo jornalismo é emancipador e está em formação, em construção diária assim como as próprias periferias que habitam. Tendem a ser mais flexíveis e de adaptarem melhor às diversidades. Dentro da crise que a comunicação tradicional enfrenta, com a diminuição e precarização das redações, iniciativas como estas despontam por toda a cidade e podem ser uma alternativa ao jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, Gisele: depoimento [set. 2017]. Entrevistadora: Larissa Gould de Assis, 2017. 60 min, vídeo de celular. Depoimento gravado durante cobertura da Virada Comunicação para elaboração do artigo.

COLETIVO PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Rede Jornalistas das Periferias é lançada oficialmente no encerramento da FELIZS**. Disponível em <<http://bit.ly/2zizJGv>>. Acesso em 1 Nov. 2017.

FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins (Orgs). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

HOLANDA, Fabíola; MEIHY, José Carlos Sebe B. **História Oral** – Como fazer, como pensar. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

MARLON, Tony: depoimento [set. 2017]. Entrevistadora: Larissa Gould de Assis, 2017. 60 min, vídeo de celular. Depoimento gravado durante cobertura da Virada Comunicação para elaboração do artigo.

MOREIRA, Jéssica Ap; ASSIS, Larissa Gould de. **Queixadas** – A História Não Contada do Movimento Sindical de São Paulo. São Paulo: FAPCOM, 2013.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e Emancipação** – Uma Prática Baseada em Paulo Freire. Curitiba: Ed. Appris, 2017.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum** - comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. Disponível em: <<http://migre.me/bZ0fq>>. Acesso em: 1 Nov. 2017.

PASCUMA, Dena; CASTILHO, Antonio Paulo Ferreira de. **Projeto de Pesquisa** – o que é? Como fazer?: um guia para sua elaboração. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares**. Ed. 2. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999

PERUZZO, Cecília Maria Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. “Conceitos de Comunidade, local e região: inter-relações e diferença”. **Revista Líbero**, São Paulo, 2009. ano XII, nº 24, p. 139 – 151.

PERUZZO, Cicília. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. INTERCOM/UnB, Brasília: 2006. Disponível em: <<http://migre.me/bZ6fU>>. Acesso em: 1 Nov. 2017.

PUNTEL, Joana T. **A Igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

SANTO, Thalita Monte: depoimento [set. 2017]. Entrevistadora: Larissa Gould de Assis, 2017. 60 min, gravação em vídeo e áudio. Depoimento gravado durante cobertura da Virada Comunicação para elaboração do artigo.

REDE JORNALISTAS DAS PERIFERIAS. **Virada Comunicação**. Disponível em <<http://bit.ly/2xYMCCc>>. Acesso em: 1 Nov. 2017.

SINGER, Helena (Org). **Comunicação Comunitária**. Coleção Tecnologias do Bairro-Escola. São Paulo: Ed. Moderna, 2012.